

EROS ÀS AVESSAS: PANSEXUALISMO E DESSUBLIMAÇÃO REPRESSIVA¹

Rafael Cordeiro Silva ²

Resumo:

O artigo pretende explicar o conceito de Eros como uma categoria social no pensamento de Herbert Marcuse. Nesse sentido, o erotismo tem um significado político para o autor, pois indica a possibilidade de libertação das formas sociais repressivas. Na primeira seção, faço um breve relato da relação de Marcuse com a psicanálise, anterior a seu contato mais intenso com Freud. Na segunda seção, mostro o caráter essencialmente político e social de Eros, através da reconstrução da teoria marcuseana da mudança social. Em seus escritos, Marcuse também menciona as formas pervertidas de manifestação de Eros, representadas pelo pansexualismo e pelo que ele denomina dessublimação repressiva. Nesse contexto, pretendo discutir o que essas 'perversões' significam. O pansexualismo é analisado em *Eros e civilização* e em outros escritos da década de 1950 e 1960. Pretendo discutir também se o conceito de pansexualismo se encaixaria ou não na perspectiva libertária que o filósofo quis significar com a politização de Eros. À dessublimação repressiva o filósofo dedica o terceiro capítulo de *O homem unidimensional*. Da mesma forma, o significado da dessublimação repressiva também será discutido na terceira seção do artigo. Na conclusão, mostro que Marcuse entende que o pansexualismo e a liberação sexual sem tabus não podem ser vistos como libertação política, são apenas formas pernósticas de manifestação de Eros.

Palavras-chave: Marcuse. Eros. Dessublimação repressiva. Perversões. Pansexualismo.

INVERTED EROS: PANSEXUALISM AND REPRESSIVE DESUBLIMATION

200

Abstract:

The article explains the concept of Eros as a social category in Herbert Marcuse's thought. Eroticism has political meaning for the author. It indicates the possibility of liberation from forms of social repression. In the first section I provide a brief account of Marcuse's association with psychoanalysis, before his more intensive contact with Freud. In the second section I show the essentially political and social character of Eros with a reconstruction of Marcusean theory of social change. In his writings, Marcuse refers to the perverted forms of Eros represented by pansexualism and by what he calls repressive desublimation. In this context, I discuss the meanings of these perversions. The significance of repressive sublimation is more fully discussed in the third part of the article. Marcuse also dedicates his third chapter of *One-dimensional Man* to repressive desublimation. Pansexualism is analyzed from *Eros and Civilization* and other writings of the 1950s and 60s. Additionally discussed is the concept of whether pansexualism refers to the libertarian perspective that the philosopher intended by the politicization of Eros. In conclusion, I demonstrate that Marcuse understands that pansexualism and liberation without taboos cannot be seen as political liberation. They are only pernostic forms of the manifestation of Eros.

Keywords: Marcuse. Eros. Repressive desublimation. Perversions. Pansexualism.

¹ Este artigo é o desenvolvimento de palestra apresentada no "Colóquio Filosofia e erotismo", ocorrido em dezembro de 2016, na cidade de Goiás e promovido conjuntamente pela UFU e UFG-Campus Goiás Velho.

² Graduado, mestre e doutor em Filosofia pela UFMG, é Professor Titular do Instituto de Filosofia da UFU, onde leciona, desde 1993, na Graduação em Filosofia e no Programa de Pós-graduação em Filosofia (Mestrado). Coordenador do grupo de pesquisa "Teoria Crítica e Filosofia social", registrado no CNPq. E-mail: rcsilva@ufu.br.

Em 1955, Marcuse publica *Eros e civilização*. A obra utilizou a psicanálise freudiana para fundamentar uma teoria social orientada para a abolição de estruturas repressivas, que impediriam o livre desenvolvimento das potencialidades humanas. Tal desenvolvimento só seria possível em um ambiente ao mesmo tempo erótico e libertador. Gostaria, dessa forma, de explorar a apropriação que Marcuse faz de Freud, de modo específico seu conceito de Eros, para mostrar que o significado do erotismo para o filósofo não pode, de modo algum, ser identificado com o sentido corrente do termo, nem tampouco ser confundido com as diversas formas de liberação sexual hoje permitidas. Estas seriam formas pernósticas à manifestação de Eros e serviriam justamente ao que proclamam se opor, a saber, à repressão social. Elas constituem o que denomino Eros às avessas. A argumentação seguirá a seguinte estratégia:

- 1 – Começarei apontando referências à sexualidade e a Eros nos escritos do autor anteriores a *Eros e civilização*, obra que consagrou o uso do termo no jargão do filósofo.
- 2 – Na segunda seção, pretendo discorrer sobre a teoria marcuseana da mudança social a partir de sua recepção de Freud. Aqui mostrarei o quanto Eros tem um caráter social e político para Marcuse.
- 3 – Na terceira seção, vou explorar os conceitos de dessublimação repressiva e pansexualismo. Ambos seriam para Marcuse formas pernósticas de Eros, pois se restringiriam ao círculo da genitalidade, do qual ele pretendeu escapar. Também farei uma pequena digressão sobre as perversões, para mostrar que elas não se adequam ao denominei formas pernósticas.

201

1 – Primeiras incursões na psicanálise anteriores a *Eros e civilização*

Marcuse é um filósofo social e político e não um psicanalista. Mas, desde a década de 1930, por conta de sua participação no Instituto de Pesquisa Social, ele manteve relações com a psicologia e a psicanálise. Nessa década, o Instituto desenvolveu uma pesquisa que gerou os *Estudos sobre autoridade e família*, publicados em 1936, em que a interpretação de Freud feita por Erich Fromm constituiu a referência teórica principal.³ Fromm guiou estes estudos. Ele considerou a psicanálise freudiana como uma psicologia materialista, “que facilitou o

³ Essa pesquisa fora proposta por Horkheimer, quando ele assumiu a direção do Instituto. No seu discurso de posse, intitulado “A situação atual da filosofia social e as tarefas de um Instituto de Pesquisa Social”, ele afirmou a intenção de tomar como grupo de análise os operários qualificados e os empregados na Alemanha. Ele entendeu ser esse grupo uma “totalidade menor no todo da sociedade”. Um dos objetivos da pesquisa interdisciplinar era verificar “a transformação ocorrida na estrutura psíquica de seus membros singulares” (HORKHEIMER, 1999, p.131). Um dos resultados da pesquisa foi a constatação da baixa consciência revolucionária dos trabalhadores alemães.

desvelamento daquelas tendências pulsionais ocultas, que motivaram o comportamento humano e que se tornaram expressas na forma de ideologias” (GEOGHEGAN, 1981, p.41). Marcuse participou de forma indireta da pesquisa, chegando a escrever um capítulo para o livro que dela resultou. Sua contribuição versou sobre como o conceito de autoridade encontrou expressão filosófica.⁴ Um dos resultados da pesquisa foi aferir a baixa consciência revolucionária dos trabalhadores alemães.

Embora conhecesse as linhas mestras da psicanálise freudiana desde a década de 1920 e sua interpretação à luz de Fromm, Marcuse sentia-se mais atraído por Reich cujas ideias pareciam estar mais próximas de suas preocupações. Assim, ele “viu na sexualidade uma força tão poderosa que tinha o potencial em última instância de destruir a ética do trabalho repressivo que sustentou o capitalismo” (GEOGHEGAN, 1981, p.42).⁵ A dimensão explosiva da sexualidade não foi uma preocupação dos *Estudos*. E interessava mais a Marcuse a “natureza revolucionária da sexualidade” (GEOGHEGAN, 1981, p.41).⁶

Em 1938, Marcuse publica na revista do Instituto – a *Zeitschrift für Sozialforschung* – o artigo “Para a crítica do hedonismo”. Como observa Kellner (1984, p.155), temas freudianos emergem nesse escrito. A seguinte passagem evidencia a presença de Freud: “A entrega não racionalizada, não sublimada às relações sexuais constituiria a mais poderosa entrega à fruição enquanto tal e a total desvalorização do trabalho pelo trabalho” (MARCUSE, 1997, p.186). Outra referência encontra-se em “Algumas implicações sociais da tecnologia moderna”, publicado em 1941. Como no “Para a crítica do hedonismo”, Freud não é mencionado. Marcuse afirma:

As relações entre os homens são cada vez mais mediadas pelo processo da máquina. Mas os equipamentos mecânicos que facilitam o contato entre os indivíduos interceptam e absorvem sua

⁴ Trata-se do texto “Estudo sobre autoridade e família”, originalmente publicado em 1936. Republicado em *Ideen zu einer kritischen Theorie der Gesellschaft*, em 1969, pela editora Suhrkamp de Frankfurt. No Brasil, o livro foi publicado em 1972, com o título *Ideias para uma teoria crítica da sociedade*, pela Zahar Editores.

⁵ Um ponto de vista diferente é apresentado por Kellner (1984, p.154-155). Ele relata uma conversa com Marcuse, datada de março de 1978, em que o filósofo afirma que a primeira obra de Reich que ele leu foi *Psicologia de massas do fascismo* e não se lembrava de ter lido qualquer trabalho anterior do psicanalista. Marcuse acrescentou que ele e outros membros do Instituto de Pesquisa Social acreditaram que Reich se moveu muito rapidamente das condições subjetivas para as condições objetivas e ‘simplificou enormemente’ o fascismo ao afirmar que a repressão sexual criou personalidades que eram suscetíveis ao fascismo. Fazia também parte dessa simplificação o entendimento de que o sucesso do fascismo fosse atribuído a sua capacidade de manipular personalidades reprimidas. Marcuse afirmou que faltava uma análise socioeconômica mais adequada para explicar o fascismo. Não obstante essas afirmações, também é notório a falta de referência econômica mais aprofundada nos escritos de Freud.

⁶ Um aspecto interessante da apreciação de Reich encontra-se no “Epílogo” a *Eros e civilização*, chamado “Crítica do revisionismo neofreudiano”. Reich é considerado um representante da ala esquerda dos movimentos de cisão com Freud. É o único teórico que escapa das críticas de Marcuse. Ele afirma (1981, p.205): “A mais séria tentativa realizada para desenvolver a teoria crítica social implícita em Freud foi a de Wilhelm Reich, em seus primeiros escritos”. A mesma consideração não recebe Fromm, que é duramente criticado.

libido, desta forma distanciando-a do reino por demais perigoso no qual o indivíduo se encontra livre na sociedade (1999, p.81).

As duas passagens citadas mencionam elementos da psicanálise. Entretanto, ela não aparece como um fundamento teórico do pensamento de Marcuse. O primeiro texto discute o hedonismo a partir da perspectiva materialista; o segundo discute as consequências da racionalidade tecnológica a partir de múltiplas referências autorais, sendo Max Weber a fonte mais conhecida.

2 – A incursão na psicanálise freudiana e sua utilização para a teoria da mudança social

Depois da saída de Marcuse do Instituto de Pesquisa Social, na década de 1940, ele se lançou ao estudo independente e aprofundado de Freud. A partir de então, ele começou a direcionar a psicanálise para seus interesses e a ver nela implicações sociológicas e filosóficas. O estudo de Freud foi orientado para aquela perspectiva explosiva e política da sexualidade que o levava anteriormente a Reich. Freud se mostrou mais sólido⁷. Por isso, Marcuse se apropriou de alguns conceitos da psicanálise freudiana para dar suporte à sua teoria emancipatória da sociedade que ele começara a gestar nessa época e que veio a lume com a publicação de *Eros e civilização*, em 1955. Um deles foi a teoria das pulsões. Ela afirma a existência de dois arquétipos – Eros e Tânatos – que são forças, princípios metafísicos a reger a vida humana. A intenção de Marcuse era pensar a possibilidade de uma formulação sócio teórica em que a sociabilidade estivesse alicerçada em Eros.

Em primeiro lugar, é necessário assinalar que Freud usou o termo Eros em dois sentidos: o primeiro deles era mais restrito e coincidia com sexualidade; o outro era mais amplo e significava força. Marcuse percebe essa distinção e vai usá-la em sua teoria. É a ideia de Eros como movimento, como força que atrai a atenção do filósofo e que ao mesmo tempo o distancia de Reich. Eros, portanto, não é só sexualidade. É mais do que isso, é movimento.

Enquanto forças, Eros e Tânatos buscam a continuação do movimento: Eros é movimento para a vida, Tânatos é movimento para a morte. São potências atuantes no princípio de prazer, cada qual com sua forma específica de satisfação.

⁷ Paul A. Robinson enfatiza a grandeza de Marcuse quando se o compara com Reich, ao afirmar que “[Norman O.] Brown e Marcuse levaram a cabo uma análise sistemática da teoria psicanalítica, a fim de revelarem as suas implicações críticas, mesmo revolucionárias. Ambos foram muito além de Reich ou Roheim na sondagem das sutilezas dialéticas do pensamento de Freud e ambos chegaram a conclusões mais extremas e ‘utópicas’ do que as que podemos encontrar em um ou outro dos primeiros exegetas freudianos da esquerda”. (ROBINSON, 1971, p.116-117)

Marcuse também aceita a divisão, proposta por Freud, entre princípio de prazer e princípio de realidade. No princípio de prazer, Eros busca a plena satisfação pela obtenção incessante do prazer e sob esse aspecto essa força não conhece limitações morais, sociais e de forma. Portanto, Eros é amoral, associal e polimorfo. Daí seu caráter polimorfo perverso. Por seu turno, Tânatos busca o fim da vida, se essa significa dor e desprazer. A pulsão de morte é assim energia destrutiva. É importante notar que no princípio de prazer não se pode falar de vida biológica tal como a conhecemos, pois Eros e Tânatos são, enquanto tais, contrários ao processo civilizatório. “Eros incontrolado é tão funesto quanto a sua réplica fatal, a pulsão de morte... A civilização começa quando o objetivo primário – isto é, a satisfação integral das necessidades – é efetivamente abandonado” (MARCUSE, 1981, p.33).

No princípio de realidade, Eros e Tânatos estão presentes, mas de maneira modificada. Tornam-se forças dominadas e dirigidas para a conservação da vida. Eros é transformado em genitalidade e posto a serviço da reprodução no casamento monogâmico. A monogamia é vista como um produto da cultura, não é obra de Eros enquanto força. A dinâmica pulsional está presente tanto na constituição do indivíduo como da sociedade. No plano individual ou ontogenético, a prevalência do princípio de realidade sobre o princípio de prazer implica a renúncia à satisfação imediata e sua substituição pela satisfação relativamente garantida. Desde cedo, a criança aprende a refrear seus impulsos, a respeitar aqueles que ela estima, em especial o pai, que é o representante da autoridade, do princípio de realidade dentro de casa. Ela resolve o complexo de Édipo e sua relação conflituosa de amor e ódio com o pai. A proibição do desejo incestuoso pela mãe representa a derrota da pulsão morte, pois nesse desejo está implícito o querer retornar ao útero materno, que é um estágio de ausência de desprazer e de dor.

No plano civilizatório ou filogenético, Freud recorre à tese antropológica da horda primitiva. Segundo essa tese, os filhos nutrem relações de amor e ódio pelo pai primordial: amor, traduzido pela relação de filia, daí o termo filiação; ódio, pois o pai toma o prazer para si pelo deleite com as mulheres e impõe a labuta para os filhos. Agindo dessa forma, o pai déspota introduz uma ordem no bando original, fundada na injusta divisão entre prazer e labuta. Por isso os filhos se rebelam contra a autoridade paterna, matam o pai e o devoram em um banquete simbólico, estabelecendo assim o clã dos irmãos. Agora, eles se tornam senhores de seu prazer e vivem sem regras. Essa fase dura pouco, pois logo os irmãos percebem que é impossível viver sem qualquer princípio de autoridade. Daí surge o *sentimento de culpa* pela morte do pai e a *proibição do incesto* como tabu sobre as mulheres. Ambos resultam da transformação repressiva da pulsão de morte. A ordem é então restituída com a entronização simbólica do pai.

No princípio de realidade, Eros passa a significar a tendência para a constituição de grupos cada vez mais amplos, sendo, portanto, força de geração de sociabilidade. A pulsão de morte deixa de ser energia destrutiva e torna-se socialmente útil no indivíduo como consciência moral. Na sociedade ela aparece camuflada como dominação da natureza em que a espécie humana se vale dos recursos naturais para criar as condições de sua existência. Em um grau elevado, essa pulsão se transforma em destruição da natureza ou também em ódio destrutivo a algum grupo socialmente reconhecido ou declarado. Isso explica, em grande medida, o ódio racial, religioso ou sexual, ódio ao diferente, que não raro explode sob formas violentas. A descrição dos processos individual e social da origem da repressão pretende acentuar a posição universalista da tese freudiana: a frustração e a renúncia são características da vida em sociedade que impede a liberdade e felicidade plena dos indivíduos. A infelicidade e ausência de liberdade seriam, segundo Freud, condições perenes de todos os indivíduos. Esta é uma tese pessimista.

Marcuse pretende fundamentar a tese contrária. Se o seu intuito é mostrar a possibilidade de abolir as estruturas repressivas, ele precisa “flexibilizar” o pessimismo de Freud em relação às tendências civilizatórias repressivas. Assim, ele limita o caráter universalista da proposição freudiana e o torna histórico, para evidenciar a transitoriedade da organização civilizacional vigente. Se o princípio de realidade se tornar uma categoria histórica e, portanto, mutável, pode-se supor a possibilidade de sua transcendência. Assim, esse princípio é subdividido em dois conceitos: o primeiro ele designa “princípio de rendimento ou desempenho”, ou seja, a forma histórica do princípio de realidade; o segundo é o que ele denomina “mais-repressão”, a saber, toda cota adicional para além daquela repressão básica necessária ao processo civilizatório. Essa repressão básica diz respeito à internalização consciente nos indivíduos das restrições ao prazer imediato, que se dá sobretudo na infância. Dessa forma, a liberdade passa a ser definida em termos históricos. Não mais a satisfação pulsional imediata, mas aquela em que as necessidades são satisfeitas com o mínimo de frustração. Marcuse interpreta a necessidade (*Ananké*) como algo estritamente material, distante da noção que evoca perda, dor física, finitude e morte – aspectos metafísicos presentes nas considerações metapsicológicas de Freud. Sob esse prisma materialista, ele reitera que a forma histórica pela qual se permite a satisfação da necessidade é o trabalho.

Porém, o trabalho é alienado. Esse ponto de vista está assentado na herança marxista de Marcuse, cuja definição acentua o alheamento do trabalhador em relação ao que ele produz. Na lógica capitalista, quem produz não detém o produto; este pertence a quem tem os meios de produção, ou seja, ao capitalista. Por outro lado, a alienação tem também um sentido

psicanalítico, pois sob essas mesmas formas, o trabalho não é fonte e prazer, mas de frustração. Nos dias atuais, trabalhar significa realizar inúmeras tarefas, muitas delas percebidas como sem sentido, ou atuar nas frentes de produção tendo em vista o cumprimento de metas preestabelecidas. Ainda que Freud tenha assinalado o prazer que originalmente esteve associado ao trabalho⁸, fato decisivo é que esta dimensão de prazer se perdeu no processo civilizatório. A situação a ser atacada é, portanto, a do trabalho alienado. De um ponto de vista teórico, Marcuse vai buscar no Marx dos *Grundrisse* e nos escritos metapsicológicos de Freud os fundamentos que apontam para a superação do trabalho alienado.

Nos *Grundrisse*, Marx supôs que o desenvolvimento científico e o progresso técnico fariam com que a produção de riqueza dependesse cada vez menos do trabalhador e do tempo de trabalho. Marcuse vê aí a libertação do trabalho alienado e a possibilidade de o tempo livre vir a ser a condição do indivíduo e não o tempo de trabalho.

O trabalho alienado, no sentido freudiano, requer o desvio de energia pulsional, para que se torne menos frustrante. Assim, Eros é desviado de sua meta como forma de compensação pelo desprazer. Esse desvio é o que se denomina *sublimação*. Marcuse cita uma passagem de *O Ego e o Id*, em que Freud sugere que esse processo de sublimação afeta o equilíbrio entre Eros e Tânatos. Se por um lado a sublimação cria cultura, por outro, ela também pode ser causa de manifestações destrutivas nessa interpretação que Marcuse acentua.

Após a sublimação, o componente erótico deixa de ter o poder de subjugar a totalidade dos elementos destrutivos que estavam previamente combinados com ele, e [tais elementos] são libertados na forma de inclinações para a agressão e a destruição (MARCUSE, 1981, p.87 *apud* FREUD, 1950, p.80).

A superação do trabalho alienado pelo desenvolvimento tecnológico poderia levar à libertação de Eros. Essa dupla libertação faria o homem ser definido como o executor de um trabalho orientado segundo sua capacidade lúdica e criativa. Esse homem seria responsável pela construção de um ambiente erótico, suas ações se dariam segundo essa perspectiva. Por isso, a proposta de Marcuse consistiria na...

recuperação de grande parte da energia pulsional desviada para o trabalho alienado, e a sua libertação no sentido de satisfazer as necessidades dos indivíduos cujo desenvolvimento seria autônomo e não mais manipulado. Seria também uma *dessublimação* – mas uma *dessublimação* que, em vez de destruir as manifestações “mais espiritualizadas” da energia humana, antes as projetaria como possibilidades de satisfação feliz (MARCUSE, 1969, p.109-110. *Itálico no original*).

⁸ Com base em Freud, Marcuse (1969, p.136) afirma: “O homem começa a trabalhar porque obtém prazer no trabalho – e não apenas depois de realizado o trabalho”. A mesma ideia aparece também quando Marcuse (1981, p.185) diz que “a ideia de uma tendência erótica para o trabalho não é estranha à psicanálise”.

Essa recuperação está assentada em bases materiais. A automação aumentaria substancialmente a quantidade e a qualidade do que é produzido. Essa é uma evidência suficiente para Marcuse afirmar que o desenvolvimento das forças produtivas permite o incremento da riqueza social “até ao ponto em que as frustrações e os encargos impostos aos indivíduos aparecem sempre, o mais possível, como inúteis e irracionais” (MARCUSE, 1969, p.107).[□]Conforme Marx previra, nas sociedades industrialmente desenvolvidas, não é o trabalho humano o elemento definidor da riqueza.

Entretanto, Marcuse enfatiza que o princípio de desempenho vigente está ancorado em um ideal de produtividade que ultrapassa em muito a simples satisfação das necessidades. Produz-se de modo irracional; não apenas para satisfazer as necessidades básicas ou biológicas do ser humano – alimentos, vestimentas e moradia – mas se produzem também bombas atômicas, armas de destruição em massa, quinquilharias inúteis, lixo cultural etc. Tamanha diversidade evidencia que a produtividade não está orientada para a realização do ser humano, mas, sim, do capital.

Dessa forma, a dessublimação sugerida pelo filósofo está em oposição ao termo sublimação que é empregado por Freud. Por sublimação pode-se entender um processo pelo qual a libido se desvia do objeto sexual e é direcionada para outros tipos de satisfação. É uma inibição quanto à meta da pulsão, mas cuja satisfação é encontrada em realizações pessoais ou sociais. Por exemplo, a arte, o amor altruísta e celibatário, a religião e as realizações dos cientistas são formas de sublimação. Sob esse aspecto, a sublimação resulta útil para a vida em sociedade. Ela também responde pela formação da consciência e autonomia de cada um de nós. Renunciar ao amor pela mãe é também uma forma de sublimação. Portanto, segundo Freud, a sublimação faz parte da cultura humana, ela constrói as manifestações do espírito e o processo civilizatório.

Já a dessublimação seria, para Marcuse, o retorno da energia pulsional erótica para sua forma anterior em que ela estava em equilíbrio com a pulsão de morte. Essa dessublimação não anularia as chamadas manifestações espiritualizadas da humanidade – a arte e a ciência – mas seria a condição de possibilidade da existência pacificada entre o homem e a natureza, por exemplo.

Para que a dessublimação se torne possível, é necessário que o trabalho deixe de ser alienado. Aqui se sai do plano estritamente conceitual psicanalítico e se chega ao campo das possibilidades históricas, ainda que estas sejam também teóricas. É fato a automação é “o grande catalisador da sociedade industrial avançada” (MARCUSE, 2015, p.69). Ela permite a

abundância quantitativa e essa aponta para a perspectiva da mudança qualitativa, que corresponde à superação do modo de produção capitalista.

O desenvolvimento das forças produtivas da técnica e da ciência levaria ao aumento da riqueza produzida. Isso significaria a possibilidade de satisfação das necessidades básicas humanas com o mínimo esforço e frustração. Essa riqueza produzida também poderia ser mais justamente distribuída entre os povos, de modo que cessaria a competição desnecessária entre as nações. Baseado no grande desenvolvimento tecnológico e na realidade cada vez mais abrangente dos processos de automação, Marcuse pontifica uma tendência possível à redução drástica da jornada de trabalho. Em outros momentos ele é mais radical ao sugerir a abolição do trabalho alienado. O filósofo parece supor um mundo em que as máquinas realizariam o trabalho, reduzindo o papel humano ao comando delas. Então, se a sublimação foi responsável tanto pela continuidade do trabalho alienado quanto pelo desenvolvimento técnico-científico, este progresso agora acena para a possibilidade de dessublimação. A consequência está em que Eros seria força criadora de sociabilidade, daí o surgimento de um novo princípio erótico de realidade. E nesse sentido não seria utópico pressupor o aspecto libidinal do trabalho nem tampouco a vida como concreção de uma obra de arte. Então, segundo Freud, a sublimação *cria* cultura; para Marcuse, a dessublimação *amplia* a cultura, fazendo dela uma cultura voltada para a pacificação da existência – termo muito caro ao autor.

208

Da mesma forma, o tempo não seria mais definido pelo trabalho, que é algo linear: nascemos, crescemos e temos de trabalhar para satisfazer nossas necessidades. Esse tempo é igualmente alienado como o trabalho que a ele se liga. O tempo passaria a ser pleno e coincidiria com “a duração da satisfação, a duração da felicidade individual, o tempo como tranquilidade” (MARCUSE, 2001, p.119). A duração da satisfação não é medida pelo relógio. A libertação do trabalho com o conseqüente fomento das potencialidades humanas, o exercício do lado lúdico de todos nós corresponderia ao que o autor entende ser um novo princípio de realidade. A fruição como experiência fundamental do tempo livre seria a realização daquela liberdade que Freud imaginara impossível no processo civilizatório.

Aí está a realização do erotismo. É a construção de um ambiente em que Eros é uma força que rege as relações dos seres humanos entre si e destes com a natureza; em que a mais-repressão caducou, tornou-se desnecessária, porque a repressão pulsional e o progresso cumpriram sua função histórica. Esse é o sentido de Eros. Há um foco político, pois a teoria marcuseana da mudança social – cuja centralidade está na realização de um meio erótico – indica ser possível seu cumprimento histórico. Apesar de se tratar de uma teoria, Marcuse acreditou em sua efetivação, daí seu componente político. Ainda que esboços dessa efetivação

só aparecessem uma década depois, sob a forma da discussão dos agentes políticos da mudança social, o que vale registrar é o momento histórico de construção dessa teoria. Conforme assinala Kellner (1984, p.156), o mérito de Marcuse consistiu em apresentar uma proposta no cenário norte americano desfavorável a concepções teóricas de esquerda e em que...

as teorias sociais dominantes eram 'positivistas', limitando-se em sua maior parte a descrever os 'fatos', e 'afirmativas', celebrando e legitimando a ordem social existente ... *Eros e Civilização* foi uma tentativa resoluto de manter aberto o espaço de emancipação em um período que não prometeu nenhuma forma de mudança radical prevista anteriormente por Marcuse e a maioria dos marxistas clássicos.

3 – Pansexualismo e dessublimação repressiva ou Eros a favor do princípio de desempenho

Poder-se-ia pensar que a proposta de Marcuse de construção de um ambiente erótico defende o pansexualismo, ou que sua teoria da mudança social preconizaria uma sociedade de maníacos sexuais, já que “todas as forças e todos os comportamentos eróticos que haviam sido restringidos e dessexualizados pelo princípio de realidade repressivo poderiam ser reativados” (MARCUSE, 2001, p.132). Não se trata disso, pois, na verdade o pansexualismo corresponde a uma explosão de energia pulsional repressiva e não a uma força que rege as relações. A proposta do filósofo “envolve não uma simples descarga, mas uma *transformação* da libido... É uma propagação e não uma explosão de libido” (MARCUSE, 1981, p.177. *Itálico no original*).

209

Em poucas ocasiões Marcuse faz referência ao pansexualismo. Quando o faz, a ideia de fundo é mostrar que isso não é uma prática libertadora. O pansexualismo diz respeito a uma atração sexual entre pessoas que independe do sexo ou da identidade de gênero. Enquanto tal, o pansexualismo não consegue escapar do círculo da genitalidade, algo que Marcuse critica em sua teoria. “O pansexualismo (...) pertence essencialmente à imagem da sociedade repressiva” (MARCUSE, 2001, p.133). Da mesma forma, como assinala Ghiraldelli Jr (2011, p.11), é possível que a mesma crítica de pansexualismo tenha sido dirigida também a Freud, para quem a noção de Eros era muito mais ampla do que qualquer identificação com relações sexuais físicas. E essa noção freudiana é partilhada por Marcuse. O pansexualismo remete apenas à negação das relações sexuais tradicionais consagradas no casamento monogâmico e que ganharam sua marca definitiva com a instituição da família burguesa. Não é, portanto, a negação da repressão e do fardo a que todos os indivíduos parecem condenados na sociedade industrial avançada.

A concepção de um princípio erótico de realidade também esbarra naquilo que o autor denomina dessublimação repressiva. A crescente dessublimação verificada em vários setores da vida social coloca a seguinte questão: isso significa a preponderância de Eros, o promotor da vida? Aqui se chega ao ponto central da argumentação. Marcuse o desenvolve em *O homem unidimensional*, livro de 1964. Um dos conceitos relevantes dessa obra é o que o autor denominou “forças de contenção”. Elas são entendidas como mecanismos políticos, sociais, econômicos e psicológicos que dificultam ou impedem o salto qualitativo e a libertação. Tais forças estão presentes sobretudo na sociedade industrial avançada, também chamada sociedade afluyente, atuando como mecanismos, atuando como mecanismos ideológicos em favor do *Establishment*. As características dessa sociedade são o conforto e a grande capacidade de consumo por parte da população. Tal sociedade veicula para seus cidadãos a ideia de que ela realiza a liberdade de todos e em todos os aspectos: liberdade econômica, liberdade política, liberdade religiosa e assim por diante.

Todavia, o aspecto que mais importa é a consideração de que esta sociedade realiza inclusive a liberdade sexual das pessoas. A liberalização dos costumes sexuais parece indicar um avanço rumo à construção de uma sociedade emancipada. Libertar-se da rigidez imposta pela moralidade burguesa – rigidez que propaga a virgindade para a mulher e o casamento monogâmico – tem sido assinalado como um avanço. No entanto, Marcuse insiste tratar-se de uma “dessublimação comercial”, uma “liberalização controlada”, porque...

realça a satisfação obtida com aquilo que a sociedade oferece... Nessa forma de liberação a energia libidinal muda sua função social: (...) ela perde a qualidade que, segundo Freud, é sua qualidade erótica essencial, a saber, o elemento de emancipação no que se refere ao social (MARCUSE, 1998, p.106).

A dessublimação é repressiva porque favorece o sistema repressivo. É um artifício que “amplia a liberdade enquanto intensifica a dominação” (MARCUSE, 2015, p.98). Imaginar-se burlando a moralidade estabelecida só porque se sai com a secretária atraente ou com o colega de trabalho e, para viabilizar essa escapada extra ou pré-conjugal, existem lugares disponíveis e comercializados para esse fim e igualmente artefatos feticistas, que hipoteticamente serviriam para “apimentar” a relação, não constitui um gesto libertário para Marcuse. Não traduz o que ele entende por erotismo. Ao contrário, é sexo administrado, correlato do mundo administrado e, portanto, pernóstico para a constituição de uma existência verdadeiramente erótica.

Se o pansexualismo e a dessublimação repressiva são pernósticos à concepção de um Eros fundante de um novo princípio, há um aspecto ambíguo ainda a ser considerado. Marcuse fala

das perversões. Ele assinala algumas delas: o narcisismo, a coprofilia, a homossexualidade e o sadismo. Com exceção deste último, cujas limitações devem ser consideradas – por exemplo, as manifestações de sadismo dos nazistas contra os judeus, ciganos e outras minorias – todos formam parte do comportamento polimorfo-perverso de Eros e são vistos como recusa ao princípio de desempenho, pois evocam aspectos da sexualidade que não estão relacionados com a reprodução monogâmica. Nessas formas, o caráter político-emancipatório não fica claro, não parece haver referência à noção mais ampla de Eros como agente de um novo princípio de realidade, desenvolvida ao longo de *Eros e civilização* e outros escritos da mesma época.

Ao falar das perversões como crítica ao princípio de desempenho – pois este necessita do sexo genital com fins de procriação da espécie – Marcuse ainda não tinha elaborado o conceito de dessublimação repressiva. Quando o conceito emergiu, em 1963, de modo implícito no escrito “A obsolescência da psicanálise” e explicitamente em *O homem unidimensional*, tal dessublimação foi tratada como comercialização do sexo, como transgressão permitida pela sociedade em que práticas genitais, embora não visem à reprodução, são propaladas e incentivadas pelo princípio de desempenho. O conceito de dessublimação repressiva excluiu as perversões.

Portanto, Marcuse enxerga em Eros uma dimensão político-emancipatória. Eros teria uma natureza revolucionária que ultrapassaria a manifestação de práticas libidinosas permitidas e não permitidas para os padrões morais estabelecidos. Do lado oposto, Eros invertido ou às avessas seria a prática sexual consentida pelo *Establishment*, como forma de provocar a sensação de liberdade, que, no entanto, é falsa.

Referências:

FREUD, Sigmund. **The Ego and the Id**. Londres: Hogarth Press, 1950.

GEOGHEGAN, Vicent. **Reason and Eros: The Social Theory of Herbert Marcuse**. Londres: Pluto Press, 1981.

GHIRALDELLI JR, Paulo. **Como a filosofia pode explicar o amor**. São Paulo: Universo dos Livros, 2011.

HORKHEIMER, Max. A situação da filosofia social e as tarefas de um Instituto de Pesquisas Sociais. **Praga**: Estudos Marxistas, 7, 1999, p.121-132.

KELLNER, Douglas. **Herbert Marcuse and the Crisis of Marxism**. Berkeley/Los Angeles: University of California Press, 1984.

MARCUSE, Herbert. Algumas implicações sociais da tecnologia moderna. In: _____. **Tecnologia, guerra e fascismo**. Tradução de Maria Cristina V. Borba. São Paulo: Ed. UNESP, 1999, 71-104.

_____. **Eros e civilização**. 8. ed. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Guanabara & Koogan, 1981.

_____. **O homem unidimensional**. Tradução de Robespierre de Oliveira, Deborah Christina Antunes e Rafael Cordeiro Silva. São Paulo: Edipro, 2015.

_____. A noção de progresso à luz da psicanálise. In: _____. **Cultura e psicanálise**. Tradução de Wolfgang L. Maar, Robespierre de Oliveira e Isabel Loureiro. São Paulo: Paz e Terra, 2001, p.112-138.

_____. A obsolescência da psicanálise. In: _____. **Cultura e sociedade**. V. 2. Tradução de Wolfgang L. Maar, Isabel Loureiro e Robespierre de Oliveira. São Paulo: Paz e Terra, 1998, p.91-111.

_____. Para uma crítica do hedonismo. In: _____. **Cultura e sociedade**. Tradução de Isabel Maria Loureiro. São Paulo: Paz e Terra, 1997, v.1, p.161-199.

_____. Teoria das pulsões e liberdade. In: MARCUSE, Herbert; FROMM, Erich e MILLER, Karl. **Marcuse polêmico**. Tradução de Fernando Midões. Lisboa: Presença, 1969, p.101-147

MARX, Karl. **Grundrisse**: manuscritos econômicos de 1857-1858: esboços da crítica da economia política. Supervisão editorial de Mario Duayer; tradução de Mario Duayer e Nélcio Schneider (com a colaboração de Helga Werner e Rudiger Hoffman). São Paulo: Boitempo; Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2011.

ROBINSON, Paul A. **A esquerda freudiana**: Wilhelm Reich, Gesa Roheim, Herbert Marcuse. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.